

Escola Missionária

Módulo 1

Escola Missionária – Modulo 1

Coordenador Geral: Jolivê Chaves

Editor: Rubens S. Lessa

Projeto gráfico: Alexandre Rocha

Capa: Alexandre Rocha

Ilustrações da capa: João Luiz Cardozo

Impressão e acabamento: Casa Publicadora Brasileira

Divisão Sul-Americana
da Igreja Adventista
do Sétimo Dia

Uniões

USB, UEB, UCB, UCOB, UNeB, UNB, UA, UB, UE, UCH, UPN e UPS

Su

1.

2.

3.

4.

5.

6.

7.

8.

9.

10

Sumário

1. O ministério de todos os crentes e a importância dos dons espirituais.....	5
2. Identificação e uso dos dons espirituais em uma igreja discipuladora ...	11
3. Usando o método de Cristo	18
4. Seja um intercessor.....	22
5. Aprendendo a testemunhar por Cristo	25
6. Como realizar uma visita missionária	33
7. Como ministrar um estudo bíblico	37
8. Ajudando pessoas a se decidir por Cristo.....	42
9. Como liderar um Pequeno Grupo.....	46
10. Ganhando almas através de classes bíblicas	51

Apresentação

Querido discípulo:

Parabéns porque você já está na fase 3 do ciclo de discipulado. Essa é a fase da capacitação, através da escola missionária – módulo 1. Vá em frente, pois você será preparado na teoria e prática para cumprir o ministério que Deus lhe está confiando. Serão dez seminários com as noções básicas de como ser um missionário bem-sucedido. Não se esqueça de três coisas fundamentais:

1. Assista a todos os dez seminários, pois cada um deles é essencial para o seu desenvolvimento e não deixe de preencher os requisitos práticos da apostila.

2. Participe com muita oração e com o coração aberto, disposto a colocar em prática os ensinamentos recebidos.

3. O discipulador que está acompanhando-o. Ele tem papel central também nesta fase, pois ele(a) é a pessoa escolhida pela igreja para ajudar você a colocar em prática os ensinamentos aprendidos na escola missionária.

Que Deus o encha do Seu Espírito Santo para essa nobre missão!

Divisão Sul-Americana
da Igreja Adventista
do Sétimo Dia

O |
cr
do

Robe

Intr

O
sacer

O si

O
tante

1.
aprox
ou de

2.
27), e

ser e
En
raça
de ca
está c

O
sendo
ço a
ensin

Aj
dout

Escola

O ministério de todos os crentes e a importância dos dons espirituais



1

Roberto Pereyra Suárez, Ph.D.

Introdução

O ministério de todos os crentes fundamenta-se em dois princípios bíblicos e teológicos constitucionais. O primeiro desses princípios é “o sacerdócio de todos os crentes”.

O sacerdócio de todos os crentes

O sacerdócio do crente foi um dos princípios-chave da Reforma Protestante e tem um duplo significado:

1. Cada crente, em virtude do sacrifício de Cristo sobre a cruz, pode se aproximar de Deus, pessoalmente, sem necessitar de nenhuma mediação ou de intermediário (Hb 8:10, 11; 4:15, 16; 10:19-22).

2. Em razão de que o crente é membro do corpo de Cristo (1Co 12:12-27), ele tem uma função específica, um ministério em particular que deve ser executado (Rm 12:3-8).

Em outras palavras, a grande comissão não está restrita a uma classe, raça ou gênero seletivo ou particular dentro da igreja. A responsabilidade é de cada um e de todo crente. Cada cristão é um ministro de Jesus Cristo e está chamado a participar da obra redentora de Deus no mundo.

O chamado de Deus também tem dupla aplicação: (1) para a salvação, sendo o batismo o sinal dessa convocação (Rm 6:3-11); e (2) para o serviço a Deus (1Pe 2:4-10). Assim, todo cristão pertence ao sacerdócio e este ensino é conhecido como “o sacerdócio de todos os crentes”.

A idéia do sacerdócio de todos os crentes é, em sentido mais pleno, uma doutrina bíblica (Êx 19:4-6; 1Pe 2:4-10). Portanto, ela não deve ser confi-



nada a uma fórmula doutrinal. Deve encontrar expressão permanente na vida ativa da igreja.

O segundo princípio em que se estabelece o ministério de todos os crentes é “o ministério do Espírito Santo”.

O ministério do Espírito Santo

O ministério do Espírito Santo é de particular interesse aos cristãos porque é através de Sua obra que Deus atua pessoalmente na vida de cada crente e de cada igreja.

A obra do Espírito Santo na vida de cada crente

O Novo Testamento mostra que a obra salvadora de Jesus Cristo se relaciona diretamente com o ministério do Espírito Santo e vice-versa. Cristo oferece Seu sacrifício expiatório pelos pecados (Rm 8:6-8) e aplica os méritos desse sacrifício mediante Seu ministério sacerdotal no santuário celestial (Hb 7:25); mas “é o Espírito que torna eficaz o que foi realizado pelo Redentor do mundo” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 671).

O Espírito prepara o caminho para a conversão, convencendo cada indivíduo do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16:8), levando-o ao pleno conhecimento de Jesus Cristo e de Seu evangelho (Jo 15:26; Jo 16:13; 1Co 12:3). Produz o arrependimento (At 5:31; 11:18; Rm 2:4), gerando fé (1Co 12:9; Rm 12:3) e o novo nascimento (Jo 3:3-8; Tt 3:5). O Espírito sela o crente (Ef 1:13), indicando que ele pertence a Deus (Ef 1:14; 2Co 1:21, 22; 5:5; Rm 8:22, 23; Ef 4:30), e produz seu crescimento em frutos (Gl 5:16, 22, 23), santificação (Rm 8:3, 5-10; 1Co 6:11; 2Ts 2:13; 1Pe 1:2) e serviço (At 1:8; 2:1-12, 37-47).

O Novo Testamento descreve, também, a obra do Espírito na vida de cada igreja.

A obra do Espírito Santo na vida de cada igreja

O Espírito Santo designa líderes (At 6:1-7; 20-28), escolhe missionários para o serviço (At 13:2-4), guia-os em seu ministério (At 8:29; 10:19-

20; 1
10:19
cessá
31), c
13:9,
O
dotaç
em si
te, m
ilustr
Ni
dever
ment
ao co
todas
A
exerc
Paulo

1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.
9.
10.
11.

20; 16:6-10), concede-lhes as palavras adequadas para testemunhar (Mt 10:19-20; Mc 13:11; Lc 12:11-12; 21:12-15), gera a coragem e o valor necessários para pregar o evangelho em contextos de perseguição (At 4:29-31), concede poder para confrontar os oponentes do evangelho (At 6:10; 13:9, 10), e acrescenta e fortalece a igreja em sua missão (At 9:31).

O Novo Testamento também apresenta os dons espirituais como uma dotação de Cristo concedida pelo Espírito Santo para capacitar a igreja em sua proclamação (Rm 12:4-8, 1Co 12-14 e Ef 4:7-13). Provavelmente, mesmo considerados juntos, esses exemplos não sejam completos, mas ilustrativos dos dons espirituais.

Ninguém na igreja deve esperar receber todos os dons do Espírito, nem devem todos os membros esperar receber os mesmos dons. O Novo Testamento compara a igreja, em que aparecem as manifestações do Espírito, ao corpo humano: diferentes partes, executando funções diferentes, mas todas trabalhando juntas para um objetivo comum.

A tabela a seguir provê uma síntese de várias listas paulinas relativas ao exercício dos dons espirituais ou *carismáticos* nas igrejas cristãs do tempo de Paulo (o número indica o lugar em que se situa o dom na lista do texto):

CARISMAS	1Co 12:28	1Co 12:29, 30	1Co 12:8-10	Rm 12:6-8	Ef 4:11
1. Apóstolo	1	1			1
2. Profeta	2	2	5	1	2
3. Evangelista					3
4. Pastor (Mestre)	3				4
5. Discernimento de espíritos			6		
6. Ensino	3	3		3	
7. Palavra de sabedoria			1		
8. Palavra de ciência			2		
9. Exortação				4	
10. Fé			2		
11. Milagres	4	4	4		



CICLO DE DISCIPULADO

12. Curas	5	5	3		
13. Falar em línguas	8	6	7		
14. Interpretar línguas		7	8		
15. Servir/ministrar				2	
16. Administrar	7				
17. Governar, presidir, liderar				6	
18. Ajudar	6				
19. Agir com misericórdia				7	
20. Dar				5	

Um estudo cuidadoso dos dons listados sugere que, embora alguns deles fossem realmente carismáticos, outros eram dons naturais usados pelo Espírito Santo.

Funções tais como “servir”, “administrar”, “governar”, “ajudar”, “mostrar misericórdia” e “dar” empregam talentos do ser humano, enquanto que “profetizar”, “fazer milagres”, “curar”, “falar línguas” e “interpretá-las” são dons e capacidades sobrenaturais que se encontram fora do controle do indivíduo.

O apóstolo Paulo vê cada cristão como um membro ativo do corpo de Cristo: “A manifestação do Espírito é concedida a cada um visando a um fim proveitoso” (1Co 12:7). Assim, o *carisma* concedido a cada um é mais que a concessão de um dom sobrenatural. É a manifestação do chamado do Espírito para servir à igreja de Deus em Cristo Jesus.

Quando Paulo enumera os *carismas*, indica ministérios e funções exercidos para o bem comum dos crentes (1Co 12:4-11). Possivelmente, a relação feita não seja exaustiva, mas ilustrativa da variedade de dons que Deus conferiu à Sua igreja para facilitar seu crescimento, desenvolvimento e expansão.

É importante reiterar que alguns dos *carismas* eram de natureza sobrenatural e haviam sido exercidos apenas pela atividade soberana do Espírito, enquanto outros foram desenvolvidos por todos os cristãos.

Esses *carismas* não foram *fenômenos extraordinários*, mas sim correntes e cotidianos (1Co 12-14; Rm 12). Não foram *fenômenos de uma determinada espécie*, uniformes, mas multiformes, diversos e variados (1Co 1:5-7; 2Co 8:7;

9:8;
uma c
em d
31). I
e esse

De
mem
des c
ce co
que f
para
En
te e c
é con
tes, q
po, n
De
quest
sido
2:20)
sem p
lo de
tado

Cor

Po
linas
tico p
um d
maçê
Es
des u
cerdo

Escolê



9:8; 1Co 12:28-31; Rm 12:6-8). Não foram *fenômenos restritos e limitados a uma determinada classe de pessoas*. Não se centralizaram em alguns membros em discriminação de outros, mas foram comuns a todos (1Co 12:11, 28-31). Não são *fenômenos do passado*, mas podem ser presentes, atuais, centrais e essenciais à natureza da igreja.

Define-se a estrutura ministerial carismática como o serviço que cada membro da igreja desenvolve de acordo com as habilidades e capacidades concedidas pelo Espírito Santo, e que a comunidade eclesial reconhece como tal. É o ministério “comum de todos”, onde os crentes fazem “o que for útil” (1Co 12:7) com o propósito de “aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo” (Ef 4:12).

Em realidade, o Espírito concede à igreja um dom duplo: capacita o crente e o incorpora à comunidade eclesial. Assim, a igreja de Deus em Cristo é constituída dos que foram capacitados e habilitados para funções diferentes, que não devem ser exercidas isolada nem independentemente do corpo, mas no corpo, para nutri-lo, desenvolvê-lo, uni-lo e aperfeiçoá-lo.

Deveriam todos os *carismas* ser uma norma para a vida da igreja? Essa questão recebe diferentes respostas. Considerando que os dons haviam sido outorgados aos apóstolos e profetas como base para a igreja (Ef 2:20), seria possível supor que os dons distintivamente sobrenaturais tivessem pertencido primariamente ao período apostólico. Em todo caso, Paulo deixa claro que o amor é a mais clara evidência de que o crente foi dotado pelo Espírito (1Co 13:8).

Conclusão

Pode-se afirmar que a estrutura ministerial carismática nas igrejas paulinas não foi uma realidade puramente humana, mas um dom característico proveniente de Deus que, por meio de Seu Espírito, edificou a cada um dos membros em sua função sacerdotal e a cada igreja em sua proclamação evangelizadora.

Essa é a importância dos dons espirituais. São habilidades e capacidades utilizadas como ferramentas, geradas pelo Espírito, para a função sacerdotal de cada um dos crentes na missão do corpo de Cristo.



Exercício prático

1. Quais os dois significados do sacerdócio universal de todos os crentes?

2. Como o Espírito Santo atua na vida de cada crente e na vida da igreja?

3. O que mais lhe chamou a atenção no estudo de hoje?

Identificação e uso dos dons espirituais em uma igreja discipuladora



Roberto Pereyra Suárez, Ph.D.

Introdução

Não há nada no serviço prático cristão que seja mais importante do que o reconhecimento e o uso dos dons do Espírito. Embora muitos crentes tenham manifestado possuí-los e os tenham usado através dos séculos, somente nos últimos anos a igreja tem colocado maior atenção nesse aspecto do ministério do Espírito Santo.

Em um estudo recente, foi solicitado a algumas pessoas que respondessem à seguinte pergunta: Qual é seu dom espiritual?

Das 72 pessoas que responderam, apenas 15 citaram algo que poderia ser considerado um nome válido para um dom espiritual. Surpreendentemente, 28 pessoas enumeraram seus dons com termos que não constam nas listas descritas na Bíblia (muitos enumeraram como dom o fruto do Espírito, que é dado a todos os cristãos); e 22 pessoas não responderam nada.

O propósito deste tema é envolver os ouvintes em um processo de identificação e uso dos dons espirituais na igreja. Este processo pressupõe:

1. A compreensão de que todos os cristãos foram habilitados e capacitados por Deus de maneira individual para servir na igreja e no mundo.
2. Que os dons e o chamado a servir são elementos inseparáveis.
3. E que, quando as pessoas servem nas áreas para as quais se sentem dotadas, contribuem significativamente para o crescimento de discípulos e igrejas saudáveis.



CICLO DE DISCIPULADO

Mas como identificar esses dons gerados pelo Espírito?

Identificação e uso dos dons espirituais

Os dons espirituais são ingredientes imprescindíveis para habilitar uma igreja ao constante crescimento. O ponto-chave é “colocar os crentes onde eles sejam úteis”. Se todos os cristãos se envolverem de acordo com seus dons espirituais, eles serão utilizados no ministério em que são mais proveitosos.

As igrejas crescentes não podem se desinteressar de cristãos em desenvolvimento. Portanto, apenas quando os cristãos identificarem seus dons, compreenderem seu significado e o exercitarem corretamente, poderão crescer. À medida que a pessoa cresce (crescimento interno) também cresce a igreja (crescimento externo).

Por que é tão importante identificar e usar os dons espirituais?

Importância da identificação e uso dos dons espirituais

O Novo Testamento apresenta três importantes listas de dons, os quais são dados para a edificação do corpo de Cristo (Ef 2:12). Por isso, é necessário desenvolver uma compreensão mais profunda dos dons espirituais e como eles podem ser usados em uma igreja discipuladora.

Veja a presença dos seguintes dons no Novo Testamento:

Rm 12:6-8	1Co 12:8-10 1Co 12:28	Ef 4:11
	Apóstolos	Apóstolos
Profecia	Profecia/Profeta	Profeta
		Evangelista
Ensino	Mestres	Pastor/Mestre
Exortação		
	Palavras de sabedoria	

Gov
Aç

Se
minisi
 [Terra
 80
 20
 ao m
 51
 72
 conc:
 Se
 a nec
 serãc
 As
 dos c
 1.
 2.
 Escolã



	Palavra de ciência	
	Fé	
	Milagres	
	Curas	
	Ajudar	
Servir/ministrar		
Dar		
Governar, presidir, liderar	Administrar	
Agir com misericórdia		
	Discernimento de espíritos	
	Falar em línguas	
	Interpretar línguas	

Segundo uma pesquisa feita por Christian A. Schwarz (*Los 3 colores del ministerio: identifique y desarrolle sus dones espirituales desde una perspectiva trinitaria* [Terrassa: Barcelona, España: Editorial CLIE], 2001):

80% dos cristãos não sabem quais são seus dons espirituais;

20% não estão utilizando seus dons espirituais em tarefas relacionadas ao ministério;

51% são mais felizes após descobrirem seus dons;

72% são felizes quando seus dons descobertos são aplicados a tarefas concretas dentro da igreja.

Se esses resultados forem corretos, as igrejas que aceitarem seriamente a necessidade de ajudar os crentes a identificar e usar seus dons espirituais serão, com certeza, discípulas de Cristo frutíferas e cheias de regozijo.

As seguintes razões justificam a importância da identificação e o uso dos dons espirituais:

1. Contribui para a compreensão da vontade de Deus para sua vida.
2. Ajuda-o a definir o que Deus não chamou você para fazer.



3. Ajuda-o a não sentir culpa por não servir em um ministério para o qual Deus não o escolheu.
4. Ajuda-o a entender como o Espírito Santo trabalha através de você.
5. Preenche uma profunda necessidade ou vazio interior em sua vida.
6. Contribui para a complementação e unidade do corpo de Cristo.
7. Capacita-o para cumprir a vontade de Deus em sua vida.
8. Aumenta sua autoestima e aceitação pessoal, realiza-o e produz satisfação pelo dever cumprido.

Em realidade, os dons espirituais implicam mordomia das coisas de Deus. Ele nos confia certas tarefas (1Co 12:18), nos capacita para efetuá-las de maneira que Ele seja glorificado e que nos satisfaça (1Pe 4:10, 11). Ao pensar em mordomia, a tendência é conjeturar sobre finanças e recursos materiais. Mas o paralelo entre os dons e as finanças é notavelmente semelhante.

Muitos cristãos pensam que Deus nos ordena a devolver o dízimo porque a igreja não poderia cumprir sua missão sem esses recursos. Mas Deus, que possui milhares de recursos, poderia, com toda certeza, financiar Seu ministério de outras maneiras, se assim fosse Sua vontade. A verdade é outra. Quando não doamos, somos incompletos como pessoas (só um crente fiel na devolução de seu dízimo pode compreender esse princípio).

O mesmo se aplica aos dons espirituais. Deus poderia enviar uma legião de anjos para fazer Seu trabalho na Terra. Mas, em vez disso, Ele escolheu usar-nos, pois, se não estamos utilizando e desenvolvendo nossos dons para servir a outros, somos incompletos e nunca receberemos a bênção que Ele reservou para cada um de nós.

Identificação + uso dos dons espirituais = Desenvolvimento sustentável. Os crentes que identificam e utilizam seus dons no ministério para o qual foram chamados por Deus desfrutam de um processo contínuo de desenvolvimento. São pessoas completas, realizadas.

O que se deveria saber a respeito dos dons espirituais no processo de sua identificação e uso?

Um dom espiritual é uma habilidade e capacidade especial que Deus oferece, de acordo com Sua graça, a cada um dos membros do corpo de Cristo para usar na edificação da igreja.

A
1.
2.
separ
lador
que,
o am
3.
sas fu
4.
5.
6.
cristã

Co

Al
1.
Rom
da: “
2.
urgê
o lev
3.
cação
tação
cativ
conh
4.
ne co
do de
já o e
do co
5.

Escol



A partir do contexto das Escrituras, é possível afirmar que:

1. Cada cristão tem um dom espiritual.
2. Os dons e o chamado são a base do serviço ministerial: eles são inseparáveis. A força propulsora para o ministério em uma igreja discipuladora está em encontrar lugares específicos para cada pessoa, a fim de que, com fidelidade e regozijo, ela possa desempenhar suas funções com o amor de Jesus Cristo.
3. Os cristãos se complementam uns aos outros através de suas diversas funções no corpo.
4. Cada cristão pode ter uma “combinação de dons” diferentes.
5. Há diversos graus de posseção de dons.
6. Há uma diferença entre os dons espirituais e as responsabilidades cristãs seculares.

Como identificar os dons espirituais para seu uso posterior?

Algumas sugestões para a identificação e uso dos dons espirituais:

1. Abra seu coração a Deus em oração e medite em 1 Coríntios 12-14, Romanos 12:3-9, Efésios 4:7-13, 1 Pedro 4:10, 11. Depois disso, responda: “Por que eu necessito descobrir meus dons espirituais?”
2. Esteja pronto para aplicar seus dons onde forem necessários com maior urgência. Faça uma avaliação de sua capacidade potencial (Rm 12:3), o que o levará a descobrir seu lugar e função no corpo (Rm 12:4, 5).
3. Ao mesmo tempo, informe-se a respeito das possibilidades de aplicação de seus dons identificados. Assista a seminários e cursos de capacitação, leia livros, ouça gravações e aproveite outras oportunidades educativas referentes à sua área particular de ministério, ganhando mais conhecimento e prática na função.
4. Comece a usar o dom com o ministério que lhe foi confiado. Examine com atenção o que você gosta de fazer com alegria e que lhe dá sentido de satisfação e realização pessoal. Se você já possui um dom é porque já o está usando de alguma forma. Possivelmente, não o tinha reconhecido como tal, mas já o estava utilizando.
5. Distinga entre o dom do Espírito, que é a própria pessoa do Espíri-



to Santo (At 2:38), e os dons do Espírito, que são determinadas habilidades e capacidades espirituais.

6. Estabeleça a diferença entre os dons (capacidades de natureza espiritual e eclesial geradas pelo Espírito) e as competências ou aptidões humanas (de caráter natural).

7. Experimente o seu dom tanto quanto seja possível, lembrando que os dons e os serviços ministeriais deverão se corresponder.

8. Avalie sua eficácia e sucesso na aplicação de seu dom ministerial.

9. Solicite ao pequeno grupo do qual é membro que pondere sobre seu serviço, que reconheça o dom que você manifesta ter e o confirme.

10. Use uma ferramenta formal de avaliação de dons espirituais. Isso poderia ser de grande ajuda para medir se algumas características essenciais estão sendo desenvolvidas na sua vida.

2.
to d:
dom

3.
espi:

Conclusão

Segundo a evidência bíblica apresentada, é possível afirmar que:

1. Cada cristão é dotado por Deus com um dom para seu ministério em particular.

2. Deus provê à comunidade de fé todos os dons necessários para seu pleno crescimento e missão. A igreja percebe a presença desses dons em seus membros, já que eles necessitam da ajuda de outros para identificá-los, reconhecê-los e chamá-los ao ministério.

3. A igreja que ajuda seus membros a descobrir e viver o chamado de Deus para o ministério deles é transformada, pela graça de Deus, em uma comunidade discipuladora de membros responsáveis, reprodutivos, e cumpre a grande comissão evangélica deixada pelo Senhor (Mt 28:19, 20).

Exercício prático

1. Por que é importante identificar e usar os dons espirituais?



2. O que essa frase significa para você: “A partir do contexto das Escrituras, é possível afirmar que cada cristão tem um dom espiritual”?

3. Quais são os passos práticos para a identificação dos dons espirituais?

Usando o método de Cristo



3

Jolivê R. Chaves

Introdução

“Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, atendia-lhes às necessidades e conquistava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’” (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 363).

Esse texto relata claramente que Jesus tinha uma estratégia simples, porém muito eficaz para atrair pessoas à salvação. O que Ele fazia?

- a) Misturava-Se com as pessoas
- b) Mostrava interesse pelo seu bem-estar
- c) Manifestava simpatia por elas
- d) Atendia suas necessidades
- e) Conquistava-lhes a confiança
- f) Ordenava então: “Segue-Me”

Vimos que Jesus abria o caminho para o coração das pessoas, conquistando-lhes a confiança através do atendimento às suas necessidades. Hoje, a estratégia de Jesus é chamada de ministério da compaixão, ou atividades de presença. São atividades que devemos usar para atrair pessoas à salvação, a partir do atendimento às suas necessidades. O texto diz que “unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo”.

I. Pr

Jes
é um
Es
humi
vos e
há aq
“C
e am
“C
emiss
tor, c
(Men
“P
gas, e
Se
sulta
ardis

At

-
-
-
-
-
-
-

II. O d

a)
alcar

Escolê

I. Prática do amor fraternal

Jesus nos ensinou que a prática do amor nos relacionamentos e atitudes é uma importante ferramenta missionária.

Essa mesma orientação encontramos através de Ellen White: “Se nos humilhássemos perante Deus, e fôssemos bondosos e corteses e compassivos e piedosos, haveria uma centena de conversões à verdade onde agora há apenas uma” (*Beneficência Social*, p. 86).

“O mais forte argumento em favor do evangelho é um cristão afetuoso e amável” (*Conselhos Sobre a Escola Sabatina*, p. 100).

“Coisa alguma com tanto êxito derrotará os ardis de Satanás e seus emissários, coisa alguma tanto contribuirá para erguer o reino do Redentor, como o fará o amor de Cristo manifesto pelos membros da igreja” (*Mente, Caráter e Personalidade*, v. 1, p. 240).

“Podemos manifestar mil e uma pequenas atenções em palavras amigas, e olhares apazíveis, que voltarão de novo para nós” (*Ibid.*, p. 85).

Sem dúvida, como no ministério de Cristo, podemos centuplicar os resultados de nossa trabalho, se colocarmos em prática o amor fraternal. Os ardis de Satanás serão derrotados e o reino de Cristo será exaltado.

Atividades sugestivas para a prática do amor no evangelismo:

- Fazer amizade com as pessoas da lista de oração, através de visitas regulares.
- Dizer-lhes palavras apreciativas com sinceridade.
- Buscar formas discretas de atender às necessidades delas.
- Oferecer simpatia e ajuda nos momentos de tristeza.
- Presentear-lhes com um cartão no dia do aniversário.
- Convidar para almoçar em sua casa com outros amigos.
- Oferecer-lhes literatura missionária.

II. Outras atividades que podem ser usadas para despertar o interesse das pessoas pelo evangelho

a) **Oração intercessória:** Ore todos os dias pelas pessoas que deseja alcançar para Cristo e dê a elas essa informação.



CICLO DE DISCIPULADO

b) Encontros de casais: Muitas famílias enfrentam grandes crises e muitos casais aceitarão participar de encontros que promovam o bem-estar familiar. Nesses encontros, poderão abrir o coração ao evangelho.

c) Projeto Vida por Vidas: É um projeto solidário que mobiliza os membros e a comunidade para a doação de sangue. Muitas pessoas se tornam simpáticas à mensagem adventista por causa desse enfoque solidário.

d) Projetos da Ação Social Adventista e ADRA: As ações sociais que a igreja e a ADRA desenvolvem buscam não apenas ajudar as pessoas em suas necessidades, mas, sobretudo, desenvolvê-las para que tenham melhor perspectiva de vida. Da mesma forma, muitos simpatizarão com a mensagem adventista ao verem esse trabalho em favor dos necessitados.

e) Mutirão de Natal: Esse é um projeto que arrecada alimentos para pessoas carentes nos dias que antecedem o Natal. Tem se tornado também uma ferramenta interessante para mostrar o evangelho prático.

f) Escola de pais: São encontros realizados nas escolas adventistas, ou nas igrejas, com o objetivo de partilhar orientações nas áreas de educação, família, saúde, etc. É ótima ferramenta evangelística.

g) Cursos de saúde: Cursos para deixar de fumar, beber, como vencer o estresse, entre outros, são meios eficazes para atrair pessoas ao evangelho.

Conclusão

“Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus” (1Jo 4:7, 8).

Orações diárias e expressões de amorosa gentileza devem estar presentes em todo tempo, ao conduzirmos pessoas a Jesus.

Exercício prático

1. No texto acima, o que mais impressiona você sobre os métodos de Cristo? Por quê?



2. Qual é sua opinião sobre esta frase: “Somente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito ao aproximar-se do povo”?

3. Escolha e comente um dos textos de Ellen White no tópico 1 deste estudo.

4. Qual das atividades sugeridas para a prática do amor fraterno mais se adapta à sua personalidade? Como pretende colocá-la em prática?

5. Você teve contato com alguma das atividades do tópico 2, no período em que se tornou adventista? Como foi a experiência?

Seja um intercessor

Nilton de Souza Lima

Adaptado da revista *A Oração Faz a Diferença* (Mark Finley)



4

Introdução

“Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens...” (1Tm 2:1).

Tempos atrás, um clérigo tentou confortar uma mulher cujo marido havia deixado a cidade durante uma cruzada de reavivamento. Ele era bastante incrédulo e tinha dito que não voltaria até que “aquela rajada de religião” passasse. A mulher esperava que seu esposo se convertesse durante a campanha de reavivamento, mas agora, aparentemente, havia pouca chance. O ministro, no entanto, convidou a senhora para frequentar o grupo de oração que ele estava dirigindo. Determinada a ir, ela enxugou as lágrimas. O grupo resolveu imediatamente orar em favor do homem que havia partido. Eles encararam o desafio com grande satisfação, pedindo a Deus para alcançar o marido obstinado, trazê-lo de volta e conduzi-lo a Cristo. Eles apresentaram nominalmente esse homem a Deus.

Naquela mesma noite, o homem surpreendeu a todos ao aparecer no encontro de reavivamento. Disse que havia dirigido aproximadamente 25 quilômetros pelas montanhas quando foi instantaneamente interrompido em seu caminho. Ele não podia continuar. Sabia que havia procedido de forma equivocada, reconheceu que era um pecador carente da graça de Deus e sentiu profunda convicção de que deveria retornar.

Du
vame
quela
A

I. P

1. gund
venc
2. pode
a ren
3. por su

II. C

1. horár
 2. critói
 3. ti, par
 4. as pel
 5. em v
 6. Vocaç
jetivo
- do tr
no re
Escol

Escol



Durante o reencontro, ele disse à congregação: “Sei agora que devo nascer novamente ou nunca vou poder ver o reino do Céu.” Chorando copiosamente, naquela mesma noite o homem aceitou Jesus Cristo como seu Salvador pessoal.

A oração intercessória faz a diferença!

I. Por que ser um intercessor?

1. Quando oramos por outros, em essência, estamos cumprindo o segundo grande mandamento apresentado por Jesus no sentido de que devemos amar ao próximo como a nós mesmos.

2. É um remédio contra o egoísmo: Nenhum coração egoísta e autossuficiente pode praticar a oração intercessória, pois ela é um gesto de alguém que aprende a renunciar a seus próprios interesses em favor dos interesses do seu semelhante.

3. A oração intercessória é um instrumento missionário eficaz: “Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tiago 5:16).

II. Como praticar a oração intercessória

1. Separe períodos específicos somente para intercessão. Se não tivermos um horário específico para orar, as ocupações da vida podem tirar todo o tempo.

2. Tenha um lugar privativo para estar a sós com Deus: sala, quarto, escritório. Pode ser um lugar ao ar livre em meio à natureza.

3. Tenha uma lista específica de nomes pelos quais orar. “*Eu... roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça*” (Lc 22:32).

4. Preencha o cartão de Oração Intercessória, escrevendo o nome das pessoas pelas quais vai orar e busque a Deus, diariamente, em favor delas.

5. Ore em voz alta onde somente Deus possa ouvi-lo. “Aprendei a orar em voz alta onde apenas Deus vos pode ouvir” (Ellen G. White, *Nossa Alta Vocação* [MM 1962], p. 128). A oração em voz alta dá um sentido mais objetivo aos nossos pensamentos e torna mais definidos os nossos pedidos.

6. Confie na promessa de Deus: “Anjos ministradores aguardam ao pé do trono para obedecerem instantaneamente ao mando de Jesus Cristo no responder toda oração feita em sinceridade, com fé viva” (*Mensagens Escolhidas*, v. 2, p. 377).



7. Avise as pessoas que você está orando todos os dias em favor delas.
8. Ofereça a elas alguma literatura e tente inscrevê-las em um curso bíblico.
9. Convide-as para o Pequeno Grupo e para a igreja.

Conclusão

A oração intercessória é a oração que nos liberta do egoísmo e do orgulho pessoal, pois, enquanto oramos em favor dos outros, nos esquecemos de nós mesmos, e subimos um degrau em nossa experiência diária com Deus.

“Por meio de fervorosa oração e fé viva, grandes vitórias serão conquistadas” (*Spiritual Gifts*, v. 4b, p. 139).

Exercício prático

1. Por que devemos ser intercessores?

- a) _____
- b) _____
- c) _____

2. Qual desses motivos você considera mais importante? Por quê?

3. Como você pode exercer o seu próprio Ministério de Oração Intercessória?

- a) Separando _____
- b) Tendo um lugar _____
- c) Intercedendo por pessoas _____
- d) Orando em voz _____
- e) Confiando na _____
- f) Avisando _____
- g) Oferecendo a elas _____
- h) Convidando _____

Aprendendo a testemunhar por Cristo



PROVA PDF

Adaptado de Oliveira Pires

5

Introdução

Marcos 5:18-20 e Atos 22:3-21

Após a maravilhosa cura do endemoninhado gadareno, este desejou permanecer com Jesus. Era perfeitamente natural o anelo desse homem, pois fora libertado das poderosas algemas do inimigo. Todavia, o verso 19 declara que “Jesus não lho permitiu”. O Mestre sabia que o testemunho pessoal desse homem, além de fortalecê-lo mais na fé, significaria salvação para muitos outros que conheciam sua condição anterior.

I. Importância de nosso testemunho pessoal

1. Possivelmente, nosso testemunho pessoal acerca do que significa Jesus em nós se constituirá na maneira mais efetiva ou eficaz de levar pessoas a Cristo.

- “Nossa confissão de Sua fidelidade é o meio escolhido pelo Céu para revelar Cristo ao mundo. [...] Mas o que será eficaz é o testemunho de nossa própria experiência. [...] Esses preciosos reconhecimentos [...] quando confirmados por uma vida semelhante à de Cristo, possuem irresistível poder, eficaz para salvação de almas” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 347).

2. Sua decisão por Cristo será uma influência salvadora para outros. Você se lembra daquele momento em que recebeu um toque especial de Deus?



CICLO DE DISCIPULADO

Talvez:

- a) Depois de uma maravilhosa resposta à oração.
 - b) Depois de uma grande vitória.
 - c) Depois de um toque especial, durante a leitura da Bíblia.
- “Dizei àqueles a quem visitais[...] como encontrastes Jesus, e como tendes sido abençoados.[...] Contai-lhes a ventura que vos advém de sentar-vos aos pés de Jesus, aprendendo preciosas lições da Sua Palavra. Falai-lhes da alegria, da satisfação que existe na vida cristã” (Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 485, 486).

1. Ao darmos nosso testemunho pessoal, devemos considerar três elementos essenciais:

- a) Minha vida antes de me entregar a Cristo.
 - b) Como cheguei a ser cristão.
 - c) O que Jesus significa em minha vida atual.
- Ler *O Desejado de Todas as Nações*, p. 252.

II. O que você deve ter em mente ao dar seu testemunho pessoal

1. Não converta o pecado em algo atrativo. (Como você gostava disto ou daquilo.)

2. Evite expressões estranhas ou que não têm sentido para um descrente, tais como:

- a) “Recebi uma bênção especial.”
- b) “Desde que aceitei a mensagem.”
- c) “Depois que conheci a verdade.”

• Em lugar dessas expressões, você pode dizer: “Desde que conheci verdadeiramente a Jesus.”

3. Não seja prolixo ou enfadonho.

• Seu testemunho deve ter a marca dos três “Cs”: CLARO, CURTO, CONCISO.

4. Nunca critique outras igrejas.

5. Jamais enumere:



- a) Os muitos sacrifícios que você teve que fazer desde que se converteu (perder emprego, amigos, etc.)
 - b) As coisas que você teve que abandonar.
 - c) Os problemas e dificuldades que você teve que enfrentar (filhos, esposo ou esposa que não aceitaram, etc.)
6. Destaque o bem-estar que você sente na igreja.
7. Seja sempre bondoso, cortês e, sobretudo, prudente no que fala.
8. Enalteça as vantagens da vida cristã.
- a) A certeza dos pecados perdoados (Salmo 32:1, 2).
 - b) A harmonia que reina em seu lar (está mais calmo ao lidar com a esposa e os filhos).
 - c) O destemor que você tem, proveniente da confiança em Deus, diante de uma enfermidade grave ou da própria morte (não tem mais medo da morte).
 - d) A proteção divina todos os dias, até a velhice (confiança em Deus).
9. Inspire confiança através de seu sorriso e de sua fervorosa oração.

Conclusão

Tenhamos a convicção de que ganhar pessoas para Cristo é uma tarefa divina confiada por Deus aos homens. Sendo assim, nela não há lugar para qualquer sentimento ou pensamento negativo. É evidente que não poderemos trazer todas as pessoas aos pés de Cristo, pois Jesus, o maior ganhador de almas que já viveu na Terra, não ganhou todas as almas com as quais entrou em contato. Isso deve representar um conforto, quando formos tentados a desanimar.

Exercício prático

1. Discuta: Por que é importante testemunhar de Cristo?



CICLO DE DISCIPULADO

2. Quais são os três elementos de um testemunho?

- a) Minha vida _____
- b) Como cheguei a _____
- c) O que Jesus significa _____

3. Quais são os três “Cs” de um testemunho eficaz?

- a) _____
- b) _____
- c) _____

4. Dê seu testemunho para seu discipulador (exercite várias vezes).

5. Conte seu testemunho ao fazer visitas missionárias.

Testemunho pessoal (exemplo A)

Fui criado em um lar cristão, porém não havia entregado minha vida a Cristo. Mais tarde, me afastei de Deus e dos ensinamentos dos meus pais. Apesar disso, sempre me recordava de alguns textos bíblicos que meu pai costumava ler quando dirigia o culto familiar cada manhã e cada tarde.

Faz alguns anos, fiquei hospitalizado por três semanas. Ali, as enfermeiras cristãs me ajudaram a compreender o amor de Deus. Realmente, elas viviam o que criam. Isso despertou em mim o desejo de estudar a Bíblia e descobrir que plano Deus tinha para mim.

Quando voltei para casa, novamente submergi na antiga rotina diária e esse desejo diminuiu de intensidade, porém nunca me abandonou

comp
sente
contri
bre a
muito
Ce
do “E
le me
outra
enfer
At
muito
um S
cessit
única
O
to foi
baixo
mos :

Tes

M
tras.
rei co
minh
Pa
não g
cas p
mas o
M
do m
deles
cobri
Escol

completamente. Passou algum tempo, até que um dia meu filho me presenteou com uma Bíblia, que comecei a ler. Porém, me parecia confusa e contraditória, e isso me desanimou. Naqueles dias, comprei um livro sobre a Bíblia. Tinha os textos agrupados por assuntos. Esse livro me ajudou muito em meus esforços para compreender a Palavra de Deus.

Certa manhã, ouvi um homem que cantava no rádio um hino intitulado “Soltei a mão de Deus”, o qual me comoveu profundamente. Naquele momento, entreguei minha vida a Cristo. Bem, depois de mais estudos, outras viagens ao hospital e um curso bíblico que me foi apresentado por enfermeiras estudantes, fui batizado.

Atualmente, me sinto mais feliz e com mais saúde do que antes e com muito mais segurança. Esse fato não me surpreende, porque sei que tenho um Salvador vivo. Tenho acesso a Seu consolo e à Sua guia quando necessito, o que ocorre a cada momento. Sei também que esta vida não é a única que vamos viver. Deus me assegura que há uma vida futura.

O texto bíblico que mais me ajudou a tomar a decisão ao lado de Cristo foi Atos 4:12: “E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do Céu nenhum outro há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.”

Testemunho pessoal (exemplo B)

Minha infância foi normal, sem elementos que a distinguissem de outras. Porém, logo comecei a perguntar muitas coisas, tais como: “Que farei com minha vida?” “Serei feliz quando crescer?” “Depois desta vida, minha existência continuará?”

Parecia-me que a vida de muitas pessoas estava cheia de ilusões. Muitos não gostavam dos seus trabalhos. Não pareciam estar felizes. Muito poucas pessoas pareciam saber o que sucede depois desta vida. Esses problemas continuavam fustigando minha mente.

Meus pais não tiveram uma experiência cristã verdadeira, senão quando me tornei adolescente. Quando se tornaram cristãos, vi como a vida deles se transformou. Isso fez voltar minha atenção à Bíblia, a fim de descobrir o que havia acontecido com eles.



Na verdade, não posso dizer exatamente quando me tornei cristão. Foi uma experiência gradual; porém, desde o momento do meu batismo até hoje, minha vida tem sido cada dia mais maravilhosa.

Permita-me explicar o que quero dizer: Chegou o momento em que tive de decidir no que me ocuparia durante o restante dos meus dias. Cristo havia chegado a ser tão real para mim, que parecia o comportamento mais natural contar-Lhe meus planos e Lhe perguntar como poderia escolher a profissão que melhor se ajustaria aos meus interesses e capacidades. Também tive que decidir sobre a companheira de minha vida. Muito se tem dito e escrito sobre o amor. Compreendi que Deus podia tomar um noivado ou um casamento e torná-los uma experiência verdadeiramente feliz, inteiramente diferente do que tinha visto acontecer com outros.

Quando pedi conselho a Deus sobre essas coisas, fui muito específico. Perguntei-Lhe diretamente: “Devo preparar-me para o ministério?” “É esta a mulher com quem devo me casar?” Ao olhar para trás e contemplar o desenvolvimento da minha vida como cristão, posso dizer que cada ano tem sido mais feliz que o ano anterior. Talvez isso seja difícil de compreender, mas, de certo modo, posso compará-lo à felicidade que minha esposa e eu temos encontrado em nosso casamento. Quando estávamos juntos no altar, eu estava seguro de que não poderia amá-la mais do que a amava então. À medida que passam os aniversários, nosso amor e felicidade parecem aumentar mais e mais.

Minha relação com Deus é igualmente real. Sinto-me perfeitamente à vontade falando com Ele em voz alta, em qualquer momento. Sei que Ele me ama e me compreende. Tenho a esperança de que muito em breve Cristo voltará para me buscar, como prometeu.

Creio que minha experiência está resumida em Provérbios 3:6, que diz: “Reconhece-O em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas.”

Testemunho pessoal (exemplo C)

Cresci num lar sem religião. Meus pais não iam à igreja. De vez em quando me mandavam à escola dominical e, na minha simplicidade in-

fantil
a fre
te ess
Aceit
mete
Al
cei a
havia
Deus
Fo
não c
to Sa
biam
bem,
vida.
quela
enco:
Nê
mas p
e mir
De
licita
Deus
eu gc
Ag
cuidé
Ur
59:1:
salva

Ne
munl
lido e
ma q
Escolá



fantil, descobri o amor de Jesus. Quando cheguei à adolescência, comecei a frequentar regularmente a igreja por minha própria conta. Foi durante esse tempo que compreendi quem é Jesus, e porque veio a este mundo. Aceitei-O como meu Salvador, porém não totalmente, sem me comprometer de todo o coração.

Alguns anos depois, formei um lar e logo chegaram os filhos. Comecei a me afastar de Cristo. Tinha demasiadas perguntas para as quais não havia encontrado respostas. Cheguei mesmo a duvidar que houvesse um Deus no Céu. Parecia ir muito bem sem a Sua ajuda.

Foi através de meus filhos que percebi quanto necessitava de Cristo. Eu não os mandava à igreja, sequer de vez em quando. Creio que foi o Espírito Santo que me impulsionou a, certo dia, perguntar às crianças se elas sabiam quem era Jesus. Imediatamente, responderam que não. Isso calhou bem, pois representou um ponto de partida para nova direção em minha vida. Por doze anos, nunca havia orado pedindo Sua direção; porém, naquele momento, pedi ao Senhor que mandasse alguém para me ajudar a encontrar respostas às minhas perguntas e aos meus problemas.

Não demorou muito tempo até que eu recebesse a resposta. Conheci algumas pessoas que me ensinaram acerca de Cristo. Estudaram a Bíblia comigo e minhas perguntas foram respondidas diretamente da Palavra de Deus.

Desde então, minha vida mudou completamente. Agora sei que posso solicitar a direção do Senhor todos os dias e em qualquer momento. Sei que Deus responde às minhas orações. Talvez nem sempre faça do modo como eu gostaria, porém Suas decisões sempre são as melhores para minha vida.

Agora, não temo o futuro. Sei que posso depender do Senhor para que cuide de mim em qualquer situação que se apresente.

Um texto bíblico que considero verdadeiro tesouro encontra-se em Isaías 59:1: “Eis que a mão do Senhor não está encolhida, para que não possa salvar; nem o Seu ouvido agravado, para não poder ouvir.”

Notemos o estilo informal e simples usado nos três exemplos de testemunho. Seu conteúdo se apresenta em forma falada e não como se fosse lido em um livro. A maneira como usamos o idioma, ao falar, não é a mesma que usamos ao escrever. Há um estilo escrito e um estilo falado.



O fato de escrevermos nosso testemunho resultará em estilo escrito, a menos que procuremos conscientemente evitá-lo. Uma das piores coisas que podemos fazer é entrar em um lar e dar um testemunho que soe duro e formal, como se estivéssemos lendo um livro.

Escrevamos nosso testemunho e depois leiamos atentamente cada palavra. Perguntemo-nos se seria essa a forma em que o expressaríamos ao falar com alguém, no caso de ele jamais ter sido escrito antes.

- Po
- 1.
- nand
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.

- 1.
- pulac
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.

Como realizar uma visita missionária



CICLO DE
DISCIPULADO

6

Adaptado de Ênio Santos

Introdução

Por que fazer visita missionária?

1. “Não é o pregar o mais importante; é o trabalho feito de casa em casa, raciocinando sobre a Palavra, explicando-a” (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 468).
2. É uma forma clara de mostrar interesse pelas pessoas.
3. Algumas pessoas só serão alcançadas em seu lar.
4. É nesse contato pessoal que as principais decisões são tomadas.
5. Jesus foi um grande visitador.

I. Preparando-se para visitar

1. Escolher um companheiro. Inicialmente, você acompanha seu discipulador, depois você discipula alguém.
2. Orar sinceramente.
3. Separar tempo.
4. Determinar o objetivo da visita
5. Treinar a maneira de se apresentar.
6. Ter boa aparência e vestimenta apropriada.
7. Levar folhetos e cursos bíblicos.
8. Ter o semblante alegre e amável.
9. Levar Cristo e muito entusiasmo no coração.



CICLO DE DISCIPULADO

II. Coisas comuns a todas as pessoas que são visitadas

• Elas desejam saber a resposta a estas três perguntas:

- a) Quem é você?
- b) O que deseja?
- c) Como isto me ajudará, ou o que fará por mim?

“O evangelho deve ser apresentado, não como uma teoria sem vida, mas como uma força viva para transformar o caráter” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 826).

III. Passos na visitação ideal

1. Saber o nome correto da pessoa a ser visitada.
2. Orar com fé ao se dirigir aos lares.
3. Bater à porta com tato.
4. Dar um passo para trás.
5. Manter a fisionomia alegre e confiante.
6. Manter a postura ereta.
7. Sorrir quando abrirem a porta.
8. Saudar calorosamente com um aperto de mão.
9. Deixar claro que se trata de uma visita amiga.
10. Conquistar a confiança e o interesse.
11. Se for convidado a entrar, deverá fazê-lo.

IV. Como agir durante a visita

1. Assentar-se corretamente.
2. Demonstrar interesse por todos.
3. Dar atenção especial às crianças.
4. Elogiar com sinceridade e discrição.
5. Ouvir as pessoas com atenção.
6. Falar de assuntos prediletos.
7. Ser prestativo quando necessário.
8. Ter tato e prudência.



das

9. Mostrar-se amigável e confiante.
10. Em condições normais, permanecer não mais que 40 minutos no lar visitado.

V. Lista do que não se deve fazer durante a visita

1. Não lance olhares curiosos.
2. Não faça orações compridas.
3. Não levante questões delicadas.
4. Não conte piadas.
5. Não critique outras religiões.
6. Evite provocar um “não”.
7. Inicialmente, não divirja.
8. Não discuta nem condene.
9. Não envergonhe as pessoas.
10. Não faça perguntas indiscretas.
11. Não fale demais.
12. Não fale sobre política.
13. Não fale, até chegar sua vez.
14. Não procure fazer sermões.
15. Não pronuncie palavras difíceis.
16. Não estude sozinho com pessoas do sexo oposto.
17. Nunca diga a uma pessoa que ela está errada. O importante é encontrar um caminho para ajudá-la.

Conclusão

Lembre-se de que, ao visitar alguém com o propósito missionário, você terá a bênção de Deus e a companhia dos anjos celestiais. Vá em frente!

Exercício prático

1. Das razões descritas nesse estudo para se realizar visitas missionárias, qual é a que você considera mais importante? Por quê?

, mas
ado de

culado



2. O que mais lhe chamou a atenção no estudo de hoje? Por quê?

Co
un

Alber

Intr

a)
atrav
tica,

b)
reuni
lizaçã
de pe
bíblic
mas e
do se

c)
estud
nhec
tudo
prom
de vi

d)
pessc
nas t
com

Como ministrar um estudo bíblico



7

Alberto R. Timm, Ph.D.

Introdução

a) Uma dos meios mais eficazes de preparar pessoas para o batismo é através de uma série de “estudos bíblicos”, expondo-lhes de forma temática, lógica e sequencial as crenças fundamentais da fé adventista.

b) Em maio de 1883, S. N. Haskell participava, como orador, de uma reunião campal no sul da Califórnia. Uma chuva torrencial impediu a realização de uma reunião regular. Assim, o Pastor Haskell reuniu um grupo de pessoas ao seu redor no centro da tenda, e distribuiu entre elas textos bíblicos a serem lidos em resposta a perguntas que ele formulava sobre temas específicos. O entusiasmo do grupo foi contagiante, e logo esse método se transformou na forma clássica de ministrar estudos bíblicos.

c) Cada cristão adventista deve sentir a responsabilidade de ministrar estudos bíblicos a pessoas interessadas em conhecer e aprofundar seu conhecimento da Palavra de Deus. Mas a forma como ministramos esses estudos determinará, em grande parte, o perfil espiritual e o grau de compromisso das novas gerações para com as doutrinas adventistas e o estilo de vida adventista.

d) Toda série de estudos bíblicos deve iniciar com temas que levem a pessoa à conversão (cerca de 25% dos estudos); prosseguir com as doutrinas básicas da fé cristã-adventista (cerca de 50% dos estudos); e concluir com temas relacionados ao estilo de vida cristão (cerca de 25% dos estudos).



dos). Devemos estar seguros de que os candidatos ao batismo conhecem e aceitam, antes do batismo, todas as 28 crenças fundamentais dos adventistas do sétimo dia (ver *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia* [revisado em 2005], págs. 9-19).

e) Para sermos bem-sucedidos em nossa missão evangelizadora, é indispensável que saibamos como introduzir, desenvolver e concluir um estudo bíblico.

I. Como introduzir um estudo bíblico

a) O êxito de um estudo bíblico depende em grande parte da motivação, ou seja, de despertarmos o interesse da pessoa pelo tema a ser estudado. A pessoa deve ser convencida de que o assunto a ser estudado é de grande importância para sua vida pessoal.

b) O instrutor bíblico deve usar boa dose de criatividade, introduzindo o estudo de forma contextualizada ao nível social, cultural e religioso do interessado.

c) É importante também que o instrutor bíblico seja sensível ao estado emocional do interessado, de modo que o estudo possa ajudar este a superar suas possíveis inquietações e preocupações.

II. Como desenvolver um estudo bíblico

a) Uma das melhores formas de ministrar estudos bíblicos é através do sistema de perguntas e repostas. O instrutor distribui textos bíblicos a serem lidos, sempre que possível, pelo(s) próprio(s) interessado(s), em resposta a perguntas lidas ou formuladas pelo instrutor. É importante que o interessado fique com uma lição bíblica que poderá ser revisada posteriormente. No caso de não haver tal lição, o interessado deverá copiar as referências aos textos bíblicos lidos, de modo a poder relê-los sempre que julgar oportuno.

b) O estudo deve ser ministrado sempre em uma sequência lógica e crescente. Por exemplo, o estudo do sábado deve começar com o descanso de Deus na criação, passando, primeiro, pelo Antigo Testamento e, depois,

pelo
c)
semp
a des
um e

III. C

a)
comp
b)
existe
c)
do a

IV. C

a)
te in
se de
para
b)
ligios
e que
contri
menç
quên
c)
pond
pois
to de
d)
gunt
der s



pelo Novo Testamento, culminando com o sábado na “nova Terra”.

c) É importante que o instrutor responda às perguntas do interessado, sempre que estas não divaguem do tema em estudo. Se uma pergunta tende a desviar do assunto, ela poderá ser respondida no fim do estudo ou em um estudo posterior.

III. Como concluir um estudo bíblico

a) O estudo deve ser concluído com um breve resumo que ajude na compreensão e retenção do tema abordado.

b) É conveniente sempre indagar a respeito de possíveis dúvidas ainda existentes a respeito do assunto estudado.

c) Cada estudo deve culminar com um apelo que estimule o interessado a aceitar e praticar o que compreendeu.

IV. Como enfrentar dificuldades

a) Se a televisão estiver ligada no próprio local de estudo, é conveniente indagar, de forma cordial e respeitosa, a respeito da possibilidade de se deslocar a outro ambiente da casa ou mesmo de se transferir o estudo para outra ocasião.

b) Deve-se demonstrar muita prudência de visitantes (e mesmo líderes religiosos de outra denominação) que não participaram dos estudos anteriores e que, certamente, não estejam preparados para aceitar alguns assuntos mais controversos. Talvez, a atitude mais prudente seja escolher um assunto menos polêmico, exceto se os interessados insistirem em não quebrar a sequência temática original.

c) Se o debate for inevitável, é sempre melhor indagar mais do que responder, de modo que os problemas fiquem por conta do oponente. Depois que as teorias do oponente já estiverem fragilizadas, esse é o momento de corrigi-las com a verdade bíblica.

d) Quando não se tem uma resposta abalizada para determinada pergunta, é melhor pedir para responder no estudo seguinte, do que responder sem o devido fundamento bíblico.



e) Se a pessoa demonstrar falta de interesse pelo estudo, a ponto de querer desistir, talvez uma boa saída seja indagar ao interessado que assuntos lhe seriam mais interessantes estudar e, então, adaptar os estudos a essa proposta.

V. Considerações finais

a) O ato de dar estudos bíblicos beneficia tanto a quem recebe os estudos quanto a quem os ministra. Na realidade, poucos recursos ajudam tanto a aprofundar o conhecimento bíblico como abrir a Bíblia diante de pessoas interessadas, e responder às suas indagações.

b) A ministração de boas séries de estudos bíblicos ajuda a solidificar a identidade espiritual e doutrinária das novas gerações, evitando significativamente os índices de apostasia.

c) Aqueles que se dedicam a ministrar estudos bíblicos têm o privilégio de preparar pessoas para uma vida mais plena, neste mundo, e para as alegrias da salvação eterna nas mansões celestiais.

Exercício prático

1. É importante contextualizar (ou adaptar) a série de estudos bíblicos às necessidades das pessoas, para que elas se interessem pelos estudos. Assim sendo, como você introduziria uma série de estudos bíblicos para alguém enlutado pela morte recente do seu cônjuge?

2. Por que é indispensável concluir cada estudo bíblico com um apelo pessoal?



3. Que método você usaria para despertar o interesse pelo estudo da Bíblia, no caso de um pentecostal que considera as impressões subjetivas do Espírito Santo em sua própria mente mais relevantes e confiáveis do que o texto bíblico? (Ver 2 Coríntios 3:6.)

4. Quantos estudos bíblicos pré-batismais você considera necessários para que alguém esteja realmente preparado para o batismo? (Ver *Manual da Igreja Adventista do Sétimo Dia* [revisado em 2005], p. 29-35.)

Ajudando pessoas a se decidir por Cristo



CICLO DE
DISCIPULADO

8

Adaptado de Ênio Santos

Introdução

“**M**ultidões e multidões no vale da decisão, porque o dia do Senhor está perto, no vale da decisão” (Jl 3:14).

Decisão é o resultado final de um esforço missionário. É uma atitude pessoal que leva a pessoa interessada a fazer um concerto com Deus e unir-se à igreja através do batismo.

I. Três agentes ativos na decisão ou conversão

1. **O Espírito Santo** – Devemos orar por Sua poderosa atuação.
2. **O mensageiro** – Fazer sua parte com eficiência.
3. **O pecador** – Responsável pela decisão final.

II. Atitude do mensageiro na tarefa de obter decisões

1. Conhecer a doutrina e expô-la com segurança e fervor.
2. Viver a mensagem que prega.
3. Ter genuíno interesse e amor pelos interessados.
4. Pedir ao Espírito Santo as palavras certas: “Se o obreiro mantém o coração alçado em oração, Deus o ajudará a dizer a palavra oportuna a seu tempo” (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 120).

5. Ser perseverante e cheio de fé.

III. Princípios fundamentais para levar à decisão

1. Conquistar a confiança e simpatia das pessoas.
2. Apresentar a verdade de maneira atraente e progressiva:
 - a) Primeiro a entrega a Cristo.
 - b) Em segundo lugar, a doutrina de Cristo.
3. Apresentar a mensagem como um assunto de vida ou morte (Dt 30:19).
4. Usar a Bíblia para apelos: “Uma única frase da Escritura é de muito mais valor que dez mil ideias e argumentos humanos” (Ellen G. White, *Testemunhos* Seletos, v. 3, p. 110). [Ver item 13]
5. Apresentar o amor de Deus e o sacrifício de Cristo em favor dos indivíduos.
6. Destacar a influência positiva da decisão sobre familiares e amigos.
7. Mostrar as vantagens e recompensas em seguir a Jesus (1Co 2:9).
8. Encorajar e ajudar a eliminar obstáculos.
9. Mostrar o perigo da demora.
10. Contar sua própria experiência ou testemunho.
 - a) Sua vida antes de Cristo.
 - b) Como se converteu.
 - c) O que Cristo significa para você, hoje.
11. Felicitar o interessado pelo progresso obtido.
12. Convencer de que “o justo vivera pela fé”.
 - 12.1. A maioria dos interessados, ao se decidir ao lado da verdade, tem que enfrentar situações difíceis, tais como:
 - a) Oposição e até ameaças por parte de familiares.
 - b) Escárnio por parte dos colegas
 - c) Abandono dos velhos amigos.
 - d) Renúncia dos prazeres da carne.
 - e) Abandono de cigarro, bebidas alcoólicas, café, chá, carnes imundas, etc.
 - f) Observância fiel do sábado.
 - g) Devolução honesta dos dízimos do Senhor.



12.2. Uma fé inabalável em Deus e irrestrita confiança em Suas promessas desempenham importante papel nesses pontos probantes. Então, essa é ocasião oportuna para convencer a pessoa de que:

- a) A fé é um grande poder: “É a certeza de coisas que se esperam, e a convicção de fatos que não se vêem” (Hb 11:1).
- b) As provações, privações ou sofrimentos fazem parte da vida cristã.
- c) As Escrituras estão repletas de preciosas promessas aos necessitados e de exemplos de operações do poder de Deus em favor dos que obedecem à Sua lei em meio a provas ou circunstâncias adversas (citar algumas promessas de acordo com as circunstâncias).
- d) É preferível morrer a violar qualquer dos santos mandamentos de Deus (At 5:29).
- e) Os agentes divinos operam a favor dos justos (Sl 34:7; 91:11, 12; Hb 1:13, 14).

13. Respostas bíblicas a possíveis objeções: “[Jesus] sabia ‘dizer a seu tempo uma boa palavra ao que está cansado’ (Is 50:4); pois nos lábios Lhe era derramada a graça, a fim de que transmitisse aos homens, pela mais atrativa maneira, os tesouros da verdade” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 254).

Na Bíblia, há textos que são apropriados para as condições, situação e necessidades de cada indivíduo. A Bíblia é a caixa de medicamentos de Deus para a humanidade doente pelo pecado. Dela podemos lançar mão do remédio correto para cada caso.

Exercício prático

1. Os três agentes envolvidos na decisão são:

- a) _____
- b) _____
- c) _____

2. Dos princípios para levar à decisão, qual você considera mais importante? Por quê?



3. Escolha uma das situações abaixo e ajude a pessoa a se decidir por Cristo (use texto bíblico e outros argumentos):

- a) “Eu não posso ser batizado porque meus familiares não concordariam.”
- b) “Eu não posso guardar o sábado pois perderia meu emprego ou não poderia concluir minha faculdade.”
- c) “Eu não posso me unir a essa igreja pois perderia meus amigos.”

Como liderar um Pequeno Grupo



9

Jolivê R. Chaves

Introdução

“A formação de pequenos grupos como base do esforço cristão foi-me apresentada por Aquele que não pode errar” (Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 3, p. 84).

O Pequeno Grupo é um instrumento essencial para alcançarmos quatro objetivos:

1. Desenvolver intimidade nos relacionamentos (vida em comunidade).
2. Fortalecer a espiritualidade dos membros.
3. Atender as suas necessidades individuais.
4. Envolver cada membro no ministério, de acordo com os dons de cada um.

I. Liderança dos Pequenos Grupos

Para o bom funcionamento do grupo, os seguintes líderes são fundamentais:

1. Coordenador dos grupos na igreja

Pode ser o diretor de Ministério Pessoal, ou alguém com experiência, vivência com Pequenos Grupos e capacidade de liderança. Nesse processo, o coordenador é o braço direito do pastor.

2. Supervisor

Quando a igreja tem vários Pequenos Grupos, é recomendável que sejam escolhidos supervisores para cuidar de três a cinco grupos. O supervisor trabalha como orientador e capacitador dos líderes dos grupos sob sua responsabilidade.

3.
É o
hospit
dever

4.
É o
mais

II. C nos

1.
De
pelo
Grup
po de
derar
Porta

2.

ε

1

c

3.

C
bom

III. A

1.
tos. É
a Báb

Escol

3. Anfitrião(ã)

É o(a) dono(a) da casa onde o grupo se reúne. É alguém com o dom da hospitalidade e deve assumir postura amigável e acolhedora. As pessoas devem ser bem-recebidas e amadas nesse lar.

4. Líder do Pequeno Grupo

É o responsável por liderar a reunião e as atividades do grupo. Falaremos mais sobre esse líder neste estudo.

II. Características de um líder eficiente de Pequenos Grupos

1. Espiritualidade

Deve ter forte experiência de comunhão diária com Deus, para ser usado pelo Espírito Santo. Estudos mostram que a capacidade de fazer o Pequeno Grupo crescer e se multiplicar está proporcionalmente relacionada ao tempo de comunhão diária do líder com Deus. Precisamos entender que a liderança de um Pequeno Grupo é uma atividade essencialmente espiritual. Portanto, o Espírito Santo deve ter total controle da vida do líder.

2. Disposição para pastorear um pequeno rebanho

- a) Cuidado dos membros do grupo
- b) Visitação aos lares
- c) Atendimento às necessidades dos participantes

3. Amor pelas almas

Conduz o grupo para salvar pessoas através de seu exemplo e de um bom planejamento missionário.

III. Atividades de um Pequeno Grupo

1. Confraternização: É o momento para estreitar os relacionamentos. É a prática do relacionamento horizontal “uns aos outros”, conforme a Bíblia menciona 75 vezes (ver Cl 3:13, 16).



CICLO DE DISCIPULADO

Algumas atividades para esse momento:

- Saudação e recepção
- Hora de colocar a conversa em dia
- Pergunta para “quebra-gelo”. Exemplo: “Se você tivesse que se comparar a um animal, de acordo com sua personalidade, que animal você seria e por quê?” A pergunta para “quebra-gelo” não é para alimentar a curiosidade das pessoas ou somente para descontrair o ambiente. Na verdade, além de abrir o leque da fala, ela também serve para que a pessoa fale de si mesma e se torne conhecida. Com isso, ela pode ser mais bem-ajudada.

2. Adoração: É o momento de fortalecer o relacionamento vertical, reconhecendo a presença de Cristo, pois Ele mesmo disse: “Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, ali estarei no meio deles.”

Atividades para esse momento

- Cânticos
- Oração
- Meditação
- Música Instrumental
- Testemunho
- Estudo
- Uso criativo de audiovisual

3. Estudo da Bíblia

a) Como deve ser o estudo da Bíblia em Pequenos Grupos?

- Deve ser um estudo relacional/aplicativo.
- Deve estudar doutrinas, salmos, parábolas, histórias, etc., com o objetivo de aplicar as verdades à vida dos participantes.
- Deve focalizar a verdade sobre Deus: Quem é Ele? Como Se relaciona conosco?
- Deve revelar maior preocupação em dar vida ao cristianismo do que em provar um ponto.
- Deve estimular a participação.

b)
nal d4.
Grup
Al



b) Três grandes perguntas a serem respondidas em um estudo relacional da Bíblia em Pequenos Grupos:

- O que o texto está dizendo? (Conhecimento)
- O que Deus está me dizendo através dele? (Interpretação)
- O que vamos fazer a respeito disso? (Aplicação)

4. Evangelismo ou testemunho: O projeto evangelístico do Pequeno Grupo deve ser algo planejado e intencional. Não deve ser deixado ao acaso.

Algumas atividades evangelísticas para o PG:

- **Cadeira vazia:** No grupo, há uma cadeira vazia e sempre alguém fica com a responsabilidade de trazer um convidado para ocupá-la na reunião seguinte.
- **Oração intercessória:** Cada membro ora por cinco pessoas. A lista com todos os nomes desses amigos fica exposta para que, em cada reunião do grupo, seja feita uma oração especial em favor deles.
- **Testemunho pessoal:** Em cada reunião do grupo, uma pessoa conta seu testemunho de conversão ou o testemunho de um trabalho missionário que esteja fazendo.
- **Duplas missionárias:** Na média, é recomendado ter duas duplas por Pequeno Grupo. Elas atendem aos interessados com estudo bíblico em seus lares.
- **Classe bíblica:** Os interessados devem ser levados para uma classe bíblica na igreja, ou o próprio PG pode fazer, durante certo período, uma segunda reunião no formato de classe bíblica.
- **Evangelismo de decisão e colheita:** Duas vezes ao ano é recomendado ter um programa de evangelismo de colheita, em que os interessados que frequentam o PG e que estão fazendo curso bíblico possam ser desafiados a se decidir por Cristo.
- **Multiplicação:** O PG é uma célula que, como tal, precisa se multiplicar. Ao longo do ano, o líder deve preparar um auxiliar para assumir o novo grupo, que se formou como fruto da multiplicação do primeiro. O ideal é que, depois de um ano de reunião, o grupo tenha batizado algumas pessoas e criado uma estrutura de liderança para a multiplicação.



Exercício prático

1. Dos objetivos que alcançamos com os Pequenos Grupos, em sua opinião, qual é o mais importante? Por quê?

2. Veja, abaixo, a liderança envolvida com os Pequenos Grupos e escolha aquela com a qual você mais se identifica. Por quê?

- a) Anfitrião _____
- b) Líder _____
- c) Supervisor _____
- d) Coordenador _____

3. Qual das características de um líder de PGs relatadas acima você mais deseja possuir? Por quê?

4. Em suas palavras, diga como deve ser o estudo relacional da Bíblia em um Pequeno Grupo:

5. Das atividades de evangelismo descritas no texto, qual é a que você acha ser a mais eficaz? Por quê?

Ganhando almas através de classes bíblicas



PROVA PDF

10

Introdução

“**A** igreja de Cristo na Terra foi organizada para fins missionários” (Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 72).

“De todos os professos cristãos, devem os adventistas do sétimo dia ser os primeiros a exaltar a Cristo perante o mundo” (Ellen G. White, *Obreros Evangélicos*, p. 156).

Assim diz o Senhor: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2:42).

“Durante três meses, Paulo frequentou a sinagoga, onde falava ousadamente, dissertando e persuadindo com respeito ao reino de Deus. Visto que alguns deles se mostravam empedernidos e descrentes, falando mal do Caminho diante da multidão, Paulo, apartando-se deles, separou os discípulos, passando a discorrer diariamente na escola de Tirano. Durou isto por espaço de dois anos, dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos” (At 19:8-10).

“Expondo estas coisas aos irmãos, serás bom ministro de Cristo Jesus, alimentando com palavras da fé e da boa doutrina que tens seguido. Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (1Tm 4:6, 16).

“Muitas pessoas há que querem saber o que fazer para serem salvas. Querem uma explicação simples e clara dos passos indispensáveis para a conversão” (Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 188).



I. O que é uma classe bíblica

É uma classe cuja finalidade é doutrinar pessoas interessadas na verdade bíblica, por meio de estudo coletivo ministrado por um instrutor.

II. Características de uma classe bíblica

1. Grupo de interessados: menores, jovens ou adultos que se reúnem periodicamente.
2. Um instrutor habilitado para ensinar, que ame a Cristo e as pessoas.
3. Um livro-texto (a Bíblia) e um manual de estudo bíblico ou série sistematizada de estudos. Cada interessado (estudante) deve ter em mãos um exemplar da Bíblia.

III. Características da apresentação do estudo bíblico

1. *Convicção.* A apresentação deve ser clara, afirmativa e positiva. Que o aluno seja convencido de que é uma bênção se tornar cristão.
2. *Entusiasmo.* Evite a monotonia. A classe deve ser dinâmica, interessante de modo a captar a atenção dos alunos.
3. *Uso de ilustrações.* Jesus ilustrava Seus temas. Use histórias curtas, verídicas, de acordo com o tema. Use recursos audiovisuais.
4. *Perguntas.* Dê oportunidade para que os alunos façam perguntas. Isso o ajudará a perceber se eles estão entendendo o tema e a descobrir dúvidas.
5. *Apelo.* Faça um apelo no encerramento de cada estudo, a fim de obter a decisão do aluno em relação à verdade apresentada. Existem várias formas pelas quais a decisão se manifesta.
6. *Aplicação.* É muito importante que a verdade ensinada seja aplicada à vida e conduta do aluno. Ajude-o a desejar e a buscar uma mudança de atitude e de estilo de vida.

IV. Material para a classe bíblica

Hinário ou coletânea de hinos, caderno de registro, equipamento audiovisual, lições de curso bíblico e Bíblias.

V. P

1. nos a
2. send
3. está i
4. confi
5. o pas
6. form
7. me o
8. inclu
9. te da
10. afirr
11. que f

VI. C

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.

V. Preparação para o batismo

1. *Crie expectativa.* Anuncie a data do batismo em todas as classes e crie nos alunos expectativa e desejo pelo batismo.

2. *Prepare a lista.* Algumas semanas antes, faça um apelo e diga que está sendo preparada uma lista de candidatos.

3. *Visite os candidatos.* Visite, nos respectivos lares, cada aluno cujo nome está na lista, manifestando desejo de ser batizado. Isso tem o objetivo de confirmar a decisão e resolver os últimos problemas.

4. *Aprovação pela comissão.* Estando pronta a lista, avalie cada nome com o pastor e, depois, com a comissão da igreja. O instrutor transmite as informações à comissão.

5. *Orientação aos candidatos.* Na semana anterior ao dia do batismo, informe os candidatos a respeito de tudo o que esteja relacionado à cerimônia; inclusive sobre roupa, local, convidados e hora da programação.

6. *No dia do batismo.* O instrutor da classe bíblica participará ativamente da festa batismal. Convém que se digam palavras de reconhecimento e afirmação ao trabalho da classe.

7. *Novos alunos.* Faça um fervoroso apelo, anote nome e endereço dos que frequentarem e convide-os para assistir à classe bíblica.

VI. Onde encontrar alunos para a classe bíblica

1. Ouvintes dos programas de rádio e TV.

2. Frequentadores dos pequenos grupos.

3. Pessoas que assistiram ao evangelismo de Semana Santa e evangelismo público (semanas de colheita).

4. Alunos da escola adventista e respectivos pais.

5. Familiares dos membros da igreja.

6. Pessoas que responderam a pesquisas de opinião religiosa.

7. Pais e alunos da escola cristã de férias.

8. Membros afastados da igreja.

9. Pessoas contatadas pelas duplas missionárias e por evangelismo pessoal.

10. Pessoas atendidas pela ADRA.



- | | |
|---|-----|
| 11. Visitantes da igreja. | 11. |
| 12. Clientes da colportagem. | 12. |
| 13. Pessoas que atenderam a apelos feitos nos batismos. | 13. |
| 14. Juvenis do clube de desbravadores. | |

X. F

VII. Como reforçar o interesse do aluno

- | | |
|---|-----|
| 1. Visitando-o em seu lar. | 1. |
| 2. Ministrando-lhe estudos bíblicos. | 2. |
| 3. Empréstimo de DVDs e vídeos contendo mensagens. | 3. |
| 4. Dando-lhe literatura. | 4. |
| 5. Atendendo-o em suas necessidades físicas, sociais e espirituais. | 5. |
| 6. Fortalecendo a amizade. | 6. |
| 7. Convidando-o para programações especiais da igreja. | 7. |
| 8. Manifestando-lhe calor humano. | 8. |
| | 9. |
| | 10. |
| | 11. |

VIII. A classe ideal

1. Instrutor bíblico capacitado
2. Material adequado
3. Classe bíblica permanente

IX. Qualidades do instrutor

1. Espiritualidade
2. Amor pelas pessoas
3. Bom relacionamento
4. Entusiasmo
5. Otimismo
6. Organização e pontualidade
7. Habilidade para ensinar
8. Capacidade para influenciar
9. Conhecimento doutrinário
10. Objetividade no falar



11. Permitir a participação dos alunos
12. Espírito amistoso e simpatia
13. Orar pelos alunos

X. Programa

1. Recepção dos alunos
2. Confraternização
3. Apresentação dos visitantes
4. Chamada
5. Momentos de louvor
6. Oração
7. Recapitulação do tema anterior
8. Estudo da Bíblia
9. Apelo
10. Revisão do tema estudado (vídeo, transparências, PowerPoint, etc.)
11. Oração

